

BARROS, Cristiano Silva de; COSTA, Elzimar Goettenauer de Marins (organizadores). Se hace camino al andar: reflexões em torno do ensino de espanhol na escola. Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG, 2012.

Alai Garcia Diniz (UFSC-CAPES-UNILA)

De fato, o ensino de Língua Espanhola no Brasil opera um campo de reflexão a partir da análise dos currículos e de práticas pedagógicas e, com a publicação da obra acima, como o título sugere, avança em um rumo necessário para as pesquisas de pós-graduação e dos cursos de Letras, que é o de socializar os saberes e discutir experiências a fim de dirigi-las a outros níveis de ensino.

Escrito para um público definido, o livro conta com artigos de pesquisadores renomados no campo da Língua Espanhola, como o de Neide González, que discute o contexto de implantação do idioma no sistema educativo brasileiro, indo ao encontro de uma necessidade de atualização dos docentes.

Desse modo, a obra possibilita uma revisão diacrônica da história da educação brasileira no que concerne aos estudos das Línguas Estrangeiras, seja no sentido de informar sobre as atuais orientações curriculares para os Ensinos Fundamental e Médio, seja como mostra de experiências de ensino da Língua Estrangeira dirigida a determinado tipo de estudante, por exemplo, adultos que tentam recuperar o tempo perdido com o retorno aos estudos.

Nesse sentido, a condução de atividades para a criação de uma *radio-web* destacou outra dimensão ao ensino, reforçando habilidades em que os estudantes já apresentavam maior competência: o domínio das oralidades. A obra oferece uma proposta salutar de diálogo entre diferentes projetos acadêmicos, incluindo o FOCOELE (UFMG), o trabalho no EJA (IFRS), o de Formação Continuada de Professores de Espanhol (UFF), como um ato contínuo de contato com a rede pública e com novas condições de trabalho, por exemplo, cursos

livres que rompem com a assertiva de que o estudante de graduação, ao concluir seu curso, tem um lugar garantido a partir da carreira escolhida.

Em um dos artigos, o de Walkyria Monte Mor, aponta-se para a perspectiva dos letramentos, cuja proposta de uma epistemologia digital ou de performance (Lankshear e Knobel, 2003) transformaria o padrão monocultural e nacionalista da visão de conhecimento. Tal fato demonstra uma sintonia com as reflexões que ultrapassam antigos marcos do Estado-nação na América Latina e apontam para as epistemologias do sul, as quais reverberam com a emergência de novas lideranças indígenas ou de afrodescendentes nessas primeiras décadas do século XXI e vão transformando, politicamente, as esferas públicas de alguns países latino-americanos (Equador e Bolívia) com a disseminação da luta pelo estado pluriétnico e a revisão das pautas das elites cristalizadas pelo Estado-nação, forjadas no século XIX.

A separação e a restrição dos saberes disciplinares que norteavam os programas de ensino exigem hoje outra formatação de atividades que conduzam o estudante a um civismo pluricultural atento às heterogeneidades, assimetrias e divergências sociais.

As ferramentas virtuais de aprendizagem que o projeto FOCOELE propõe demonstram também que a simples utilização dos materiais digitais não implica em si um conhecimento, por isso mostra-se fundamental que, em seu uso, seja incorporada a dimensão reflexiva do estudante.

Além desses aspectos, cabe mencionar o artigo de Elzimar Goettenauer de Marins Costa, de interesse geral nesse momento de implantação do espanhol no sistema educativo brasileiro, pois analisa as coleções didáticas de espanhol para o Ensino Médio, tais como *El arte de leer español* (Picanço e Villalba, 2010), *Enlaces* (Osman et al., 2010) e *Síntesis* (Martin, 2010), chamando a atenção para algumas dificuldades quanto à compreensão leitora, pois as atividades de leitura configuram, de certo modo, uma perda da contextualização e o apagamento das referências históricas, sociais e culturais, sem deixar de apresentar uma proposta de complementação das atividades do livro didático.

Dedicada às mesmas coleções, há também a contribuição de Eduardo Tadeu Roque Amaral (UFMG) ao particularizar sua análise no que tange ao domínio da gramática, mostrando que a velha dicotomia entre ensino da língua e ensino da gramática isolada não pode seguir fazendo parte da visão do docente de Línguas Estrangeiras. No entanto, de modo crítico, o pesquisador avalia a necessidade de atender às sistematizações de regras que podem ser elaboradas pelo próprio estudante e a ideia de que a língua configura-se como sistema variável quanto aos fenômenos linguísticos.

Não fica de fora o tema da literacidade digital e os gêneros das Tecnologias da Informação e Comunicação (TIC) e suas interfaces, que hoje, de

fato, são reconhecidas como parte integrante da vida cotidiana e da faceta intercultural da globalização no texto bem articulado de Gonzalo Abio.

E, finalmente, ao concluir a obra, surgem duas vozes que demonstram como a universidade já está criando vínculos com outros níveis de ensino, a fim de contribuir para o empoderamento dos docentes com suas experiências no campo do saber, valorizando-os como pesquisadores no campo das Línguas Estrangeiras. Nesse sentido, destaca-se a experiência de Luisa Santana Chaves (Centro Pedagógico-UFMG), que traz um tema transversal de educação sexual no Ensino Médio, além da interdisciplinaridade e da interação com outras disciplinas, demonstrando como o ensino da Língua Estrangeira constitui um letramento crítico de exposição a outras abordagens, a outros gêneros discursivos, como a campanha educativa, e a uma diversidade no tratamento do tema, algo que o conhecimento de Línguas Estrangeiras facilita sobremaneira.

A voz de Jorgelina Tallei (CEFET-MG) seleciona os recursos tecnológicos e trata dos *blogs/bitácoras* com propostas específicas para seu manuseio: o portfólio. Como material educativo, o som que incorpora vozes, músicas e efeitos sonoros (*podcasts*) promove a imaginação discente, além de desenvolver um sentido que pode ser também dissociado da ligação quase permanente à visualidade no mundo contemporâneo. Os vídeos criam nos estudantes o desejo de autoria que passa a configurar ferramenta útil na atuação com adolescentes. Entre outras práticas das TIC, o artigo mostra como a autonomia na aprendizagem modifica o papel do professor e como estar atento a isso auxilia na condução da aprendizagem.

Esse trabalho que inaugura conexões entre diversos setores da docência em Língua Espanhola tem o mérito de dialogar com diferentes gerações de pesquisadores e se projeta de modo a ampliar o foco no domínio do ensino da Língua Espanhola e, para tanto, talvez fosse plausível pensar que, de forma indireta, empreendimentos como esse foram viáveis também graças à constituição de uma Associação Brasileira de Hispanistas, inaugurada no ano 2000 em virtude do grande empenho do nosso querido e saudoso Mario González, cuja logística passou pela organização do evento em diferentes regiões do Brasil até chegar ao VI Congresso da ABH em 2008, avançando também para contribuir com uma rede de pesquisadores na Universidade Federal de Minas Gerais.

Com toda certeza, a obra merece ser lida e divulgada no Brasil, e essa contribuição para o campo de pesquisa em Linguística Aplicada no Brasil reforça uma tarefa cada vez mais urgente, pois adota uma perspectiva atenta para a responsabilidade que deve ter a pesquisa na universidade para que os bens públicos (como as pesquisas de ponta realizadas na academia, em quaisquer áreas) possam ser distribuídos, socializados, com o intuito de fazer chegar, com competência (como o fazem os organizadores dessa obra), às redes públicas,

como parte da responsabilidade de quem pesquisa no campo das Línguas Estrangeiras.

E, para concluir, parece-me conveniente a atualização do verso de Antonio Machado, na construção de um movimento que depende também do professor e do estudante, pois o domínio de mais um idioma, além do português, como o espanhol, dará ao estudante que vive na América Latina a noção de pertencimento a uma comunidade mais ampla, ao aprofundar contatos com os países vizinhos do hemisfério sul e também caminhará ao propiciar solidariedade em diversos campos do trabalho e das artes, além de poder escancarar outros universos culturais, como esse que o próprio título do livro compõe com o mote ibérico.

E até que ponto pensar que, ao afinar os instrumentos teórico-práticos dessa área das Letras, combinando-os com inserções nos Ensinos Fundamental e Médio, também se caminha rumo a diminuir os privilégios e as desigualdades no setor educacional em um país em que apenas 19% da população chega ao nível superior?¹

¹ Segundo Cibele Yahn de Andrade, pesquisadora do Núcleo de Estudos de Políticas Públicas (NEPP) da Unicamp, considera-se que houve um aumento significativo da acessibilidade ao curso superior a partir da década de 1990 e na primeira década do século XXI. No entanto o Brasil ainda se encontra muito desigual na questão do acesso ao nível superior para grande parte de sua população jovem. Disponível em: <<http://www.revistaensinosuperior.gr.unicamp.br/artigos/acesso-ao-ensino-superior-no-brasil-equidade-e-desigualdade-social>>. Acesso em: 22 mar. 2013.